

RELATÓRIO DE PESQUISA

Explorando pistas sociolinguísticas em obras literárias: o diálogo literário e a construção de *personas* sociais através de traços variáveis da língua

Keila Vasconcelos MENEZES 

Universidade Federal de Sergipe (UFS)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marcelo Rocha Gonçalves (UFMS)
- Dennis Preston (UK)
- Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

AVALIADO POR

- Jorcemara Matos Cardoso (UFSCar)
- Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (UFMT)

DATAS

- Recebido: 31/12/2022
- Aceito: 19/09/2023
- Publicado: 31/12/2023

COMO CITAR

Menezes, K. V. (2023). Explorando pistas sociolinguísticas em obras literárias: o diálogo literário e a construção de *personas* sociais através de traços variáveis da língua. *Revista da Abralín*, v. 22, n. 2, p. 64-88, 2023.

RESUMO

Nesse artigo, objetivamos contemplar teorias e métodos para o estudo da variação linguística no diálogo literário. Para isso apresentamos primeiramente os direcionamentos teórico-metodológicos e os resultados de duas pesquisas sociolinguísticas que tomaram como fonte de dados obras literárias: (i) – A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado (Correia, 2014), na qual se observa o uso de marcas linguísticas da língua falada como ferramentas de construção de *personas* sociais; e (ii) – “Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista” (Reis, 2003), que correlaciona as relações sociopessoais dos interlocutores à variação linguística no imperativo. Após isso, apresentamos e discutimos as metodologias utilizadas e os resultados obtidos em “Monitoramento e identidade linguística: Um estudo de palavrões em duas versões de uma obra literária itabaianense” (Menezes, 2022), onde a partir da comparação da frequência de palavrões entre um manuscrito e a versão publicada de uma obra literária, contemplamos valores e crenças observados em sociedade sendo reverberados nos palavrões presentes nas falas das personagens. Evidenciamos, então, que o texto literário fornece valiosas pistas acerca da consciência sociolinguística de seus autores/escritores, que selecionam traços linguísticos que lhes são salientes e os associam a *personas* e grupos sociais, evocando e

contribuindo para o que se tem sido chamado de Linguística *Folk*, e a análise dos aspectos contextuais disponibilizados na narrativa e sua correlação com o uso das variantes, em uma abordagem quantitativa e qualitativa de tratamento de dados, mostrou-se bastante produtiva e promissora, especialmente em uma perspectiva de terceira onda da Sociolinguística.

ABSTRACT

In this article, we aim to contemplate theories and methods for the study of linguistic variation in literary dialogue. To this end, we first present the theoretical-methodological directions and the results of two sociolinguistic researches that took literary works as a data source: (i) – Literature as a data source: a sociolinguistic look at the work *História da Minha Infância*, by Gilberto Amado (Correia, 2014), in which the use of linguistic marks from the spoken language is observed as tools for constructing social *personas*; and (ii) – “Non-declarative speech acts of command in the expression of the imperative: The stylistic dimension of variation from a functionalist perspective” (Reis, 2003), which correlates the socio-personal relationships of the interlocutors to the linguistic variation in the imperative. After that, we present and discuss the methodologies used and the results obtained in “Monitoring and linguistic identity: A study of swear words in two versions of a literary work from Itabaiana” (Menezes, 2022), where, based on the comparison of the frequency of swear words between a manuscript and the published version of a literary work, we contemplate values and beliefs observed in society being reverberated in the swear words present in the characters' speeches. We demonstrate, then, that the literary text provides valuable clues about the sociolinguistic awareness of its authors/writers, who select linguistic features that are salient to them and associate them with *personas* and social groups, evoking and contributing to what has been called Folk Linguistics, and the analysis of the contextual aspects made available in the narrative and their correlation with the use of variants, in a quantitative and qualitative approach to data processing, proved to be quite productive and promising, especially from a third-wave Sociolinguistics perspective.

PALAVRAS-CHAVE

Sociolinguística. Texto literário. Linguística *Folk*.

KEYWORDS

Sociolinguistics. Literary fiction. Folk linguistics.

Introdução

Embora a sociolinguística brasileira tenha como foco principal o estudo da variação linguística a partir de bancos de dados linguísticos (cf. FREITAG, 2016), pesquisas que tomaram como fonte de dados o diálogo literário têm se mostrado bastante produtivas. De acordo com Dino Preti, sempre houve, em todas as épocas, uma ligação entre a “língua literária” e a “realidade falada”. Nessa perspectiva, o teórico destaca que os sociolinguistas “não podem, nem devem, ignorar o papel da *língua escrita* e, particularmente, da *língua literária* sobre os hábitos linguísticos, modificando-os e contribuindo para sua natural evolução” (PRETI, 1987, p. 61, grifos do autor).

Partimos da perspectiva de que a seleção dos traços linguísticos é resultado da percepção e consciência sociolinguística do autor/escritor que, enquanto falante indexado a um conjunto de comunidades de práticas, seleciona traços linguísticos que lhes são salientes e os utiliza para a construção de suas personagens. Ao observarmos a consciência sociolinguística dos autores/escritores, ou seja, a forma como esses não linguistas associam traços da língua a determinados grupos e situações comunicativas, evocamos o que se tem conhecido como linguística *folk*, ou linguística popular, campo que, na sociolinguística, estuda as percepções e avaliações de pessoas “comuns”, não linguistas, acerca das variantes de sua língua (PRESTON, 2021), dentre outros. Neste texto exploramos uma vertente que relaciona a linguística popular e a consciência sociolinguística (FREITAG, 2021; FREITAG; SOTO, 2023). Por meio de algumas pistas indiretas, observamos como as pessoas não linguistas processam e hierarquizam os usos linguísticos da comunidade, mais especificamente, por meio da observação de como escritores, autores de obras literárias, utilizam a língua para construir suas personagens. Estudos desta natureza são, para a sociolinguística, de extrema importância, uma vez que “As variações regionais são delimitadas não apenas pelas regularidades de usos linguísticos, mas também pela maneira como as pessoas avaliam tais usos e os efeitos dessas avaliações no seu comportamento linguístico” (FREITAG *et al.*, 2015, p. 66). Ao mesmo tempo, a interação com a literatura permite expandir a atuação do campo da linguística popular, explorando novas metodologias ou fontes de dados ou discursividades (GONÇALVES, 2021; SILVA, 2021).

Ao tomarmos uma obra literária como fonte de dados para estudos que contemplam a variação linguística, temos acesso apenas à possibilidade de acesso a pistas indiretas, nem sempre tão evidentes quanto as avaliações metalinguísticas que podem ser observadas através de entrevistas sociolinguísticas, por exemplo. É preciso, então, buscar métodos para acessar a consciência sociolinguística dos autores. E, tratando-se de textos literários e demais gêneros de natureza criativa, podemos identificar pistas acerca das intenções do autor ao escolher certas marcas linguísticas como traços para construir a *persona*, bem como perceber as escolhas realizadas conscientemente e atribuídas ao grupo/pessoa representada. Dessa forma, para uma análise da variação linguística que toma como *corpus* um texto literário, buscamos observar as marcas linguísticas que são mobilizadas pelo autor/escritor para caracterizar um grupo/*persona* social, pois não se trata da escolha de um traço em específico e seu isolamento dos demais, mas a observação panorâmica de como todas essas escolhas são mobilizadas em conjunto. Para tanto, assumimos a premissa de que obras literárias nos

permitem o acesso a uma gama de informações relacionadas à situação comunicativa que envolve o uso de variantes linguísticas. Desse modo, apresentamos, inicialmente, os direcionamentos teórico-metodológicos e resultados das pesquisas de (REIS, 2003) e (CORREIA, 2014), observando os papéis sociopessoais das personagens e suas relações de poder. Após isso, apresentamos e discutimos as metodologias utilizadas e os resultados obtidos em “Monitoramento e identidade linguística: um estudo de palavrões em duas versões de uma obra literária itabaianense” (Menezes, 2022), onde, a partir da comparação da frequência de palavrões entre um manuscrito e a versão publicada de uma obra literária, contemplamos valores e crenças observados em sociedade sendo reverberados nos palavrões presentes nas falas das personagens.

1. A caracterização de *personas* sociais em textos literários

Para o estudo de como escritores/autores de obras literárias utilizam a língua para construir suas personagens, apresentamos os direcionamentos teórico-metodológicos e os resultados de três pesquisas sociolinguísticas que tomaram como fonte de dados o diálogo literário: (i) A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado (CORREIA, 2014); (ii) “Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista” (REIS, 2003); e, “Monitoramento e identidade linguística: Um estudo de palavrões em duas versões de uma obra literária itabaianense” (MENEZES, 2022).

Em um sentido mais amplo, essas pesquisas se alinham à Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006), e, de forma mais específica, se situam na terceira onda da sociolinguística (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 923), que “centra o foco na variação vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala, mas como um recurso para a construção de significado social”. Essa perspectiva de análise não ignora a estrutura e as categorizações mais amplas, mas as observa como práticas cotidianas permeadas pelos condicionamentos sociais e pelas relações de poder.

Em relação à metodologia, “Os estudos de terceira onda combinam à metodologia quantitativa, presente nas ondas anteriores, os *corpora* constituídos de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 923, grifo dos autores). É importante termos esse aspecto em mente, uma vez que convivemos com todas as variantes ao mesmo tempo e estas são condicionadas por fenômenos variáveis que vão muito além de categorizações *macro*, como a escolaridade, a idade e o sexo/gênero, por exemplo.

Nos estudos de terceira onda da Sociolinguística, “a face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012 p. 923). Entendemos, com isto, que a variação estilística, sob a abordagem da terceira onda da sociolinguística, “coloca os

falantes não tão passivos e estáveis portadores de dialeto, mas como agentes estilísticos, adaptando estilos linguísticos em curso e projetados ao longo da vida de autoconstrução e diferenciação” (ECKERT, 2012, p. 97-98, tradução nossa)¹, uma vez que a seleção dos traços linguísticos é resultado da percepção e consciência sociolinguística do autor que, enquanto indivíduo pertencente a várias comunidades de práticas, seleciona traços linguísticos que lhes são salientes e os utiliza para a construção de suas personagens.

1.2 Traços variáveis em “Memórias da minha infância”

Correia (2014) utiliza como *corpus* a obra autobiográfica de Gilberto Amado, que apresenta memórias de sua vida, nas vilas de Estância e Itaporanga, ao fim do século XIX e início do século XX. Como pergunta norteadora da pesquisa, Correia (2014) nos traz a questão: “quais as pistas diacrônicas disponibilizadas pelo texto memorialista – no qual são relatadas histórias autobiográficas transcorridas no final do século XIX e início do século XX, nas vilas sergipanas de Estância e Itaporanga – que nos possibilitam entender a relação língua x sociedade manifestada pela obra?” (CORREIA, 2014, p. 8)

Diante da observação do *corpus*, foram identificados traços variáveis nos níveis morfossintático e fonético. Depois, foi realizado um levantamento dos aspectos sociais e históricos da sociedade retratada na história, bem como a correlação das falas com os aspectos sociais das personagens, “mostrando como a variação está presente na obra em foco” e realizando uma análise dos fenômenos variáveis encontrados com a finalidade de comprovar como estes estão diretamente correlacionados “ao papel social dos personagens no contexto da sociedade retratada” (CORREIA, 2014, p. 08). Foram privilegiadas na análise a variação no nível morfossintático e fonético, que foi utilizada de modo a construir as *personas* sociais da obra:

Entre os fenômenos morfossintáticos estão: o uso da variável de você e vosmecê, a variação da colocação pronominal (próclise e ênclise), a variação das formas imperativas (as derivadas do imperativo e do subjuntivo e o decorrente uso variável tu x você), concordâncias verbal e nominal variáveis. Entre os fenômenos fonéticos detectamos metaplasmos por transformação (vocalização, rotacismo, ditongação e monotongação) e por supressão (aférese e apócope) (CORREIA, 2014, p. 08).

Os traços morfossintáticos e fonéticos nas falas das personagens permitem evidenciar as relações sociais (as hierarquias, por meio das formas “você” e “vosmecê”, por exemplo), bem como, por meio de marcas linguísticas, caracterizar *personas* e/ou grupos sociais.

Soletrei, repeti: ‘estomágo’. Foi o diabo. [...] Jamais tinha ouvido, ao que me lembrasse então, a palavra estômago. A cozinheira, o estribeiro, os criados, Bernarda, diziam ‘estambo’, ‘estou com uma dor na

¹ “The emphasis on stylistic practice in the third wave places speakers not as passive and stable carriers of dialect, but as stylistic agents, tailoring linguistic styles in ongoing and lifelong projects of self-construction and differentiation” (ECKERT, 2012, p. 97-98).

boca de estambo...’ ‘meu estambo está tinindo...’ meus pais teriam pronunciado direito na minha presença, mas eu não lembrava (AMADO, 1999, p. 49 *apud* CORREIA, 2014, p. 56)

Este trecho mostra como o autor se distancia das marcas linguísticas com as quais convivia diariamente e as sujeita à estratificação social, realizando uma análise negativa de tal forma linguística. Sua dificuldade em soletrar o vocábulo “estômago” é atribuído ao convívio com pessoas que não pronunciavam “corretamente” a palavra. Esse caso de metalinguagem caracteriza a linguística popular, na qual Amado, como não-linguista, faz comentários analíticos acerca de formas variáveis com as quais convivia durante sua infância.

Temos a seguir a fala de um colega de escola de Amado, sendo este um dos muitos exemplos apresentados por Correia (2014) para destacar como o autor se utiliza de marcas linguísticas da oralidade em falas de personagens consideradas de nível social inferior ao seu: “Fessor, *óie* [olhe]!” (AMADO, 1999, p. 166, *apud* CORREIA, 2014, p. 96). Nessa fala, o grifo em itálico foi feito pelo autor da obra, destacando a realização linguística e afastando-se dela por meio da exposição da forma padrão do vocábulo, disponibilizada entre colchetes, denotando um grau de consciência na escolha e na manipulação daquele traço variável para obter um efeito de sentido.

Em relação à *persona* construída, é destacado por Correia (2014) o fato de que o narrador se encontra sempre preocupado em distinguir sua linguagem (mais formal) da linguagem das demais personagens (de menor formação educacional).

A atenção do narrador aos traços fonéticos, aspecto que ajudou a caracterizar as personagens, configura-se como uma “marca estilística” que percorreu todo o texto, aproximando as falas das personagens à língua falada. Essas realizações, no entanto, foram feitas em itálico, o que, segundo Correia (2014, p. 105), revela “a postura de distanciamento adotada pelo narrador” em relação ao grupo desprestigiado socialmente, cuja fala recebe os destaques. Tal distanciamento ocorre também entre a fala do autor-narrador e a de seus colegas de escola, uma vez que o narrador fora precocemente alfabetizado, vindo de uma realidade familiar na qual eram mais frequentes as práticas letradas. “Mesmo cientes de que a fonte escrita, via de regra, não permite vislumbrarmos o verdadeiro vernáculo, [...] através dela, é possível descobrir indícios que nos direcionaram ao entendimento do processo de variação evidenciado pelo texto” (CORREIA, 2014, p. 105).

1.2 Traços variáveis em “Vinhas da Ira”

Alguns fenômenos variáveis são pouco frequentes em situações de pesquisa sociolinguística baseada na constituição de entrevistas sociolinguísticas. É o que ocorre com o imperativo, por exemplo. Por isso, Reis (2003) considerou como *corpus* de análise uma versão para o português de “The Grapes of Wrath” (1939), de Jonh Steinbeck, publicada um ano após a obra original, a qual permitiu a observação de atos manipulativos de fala, condicionados pelas relações sociopessoais das personagens, quanto ao uso do indicativo (como “canta”), ou do subjuntivo (como “cante”). Reis (2003) destaca que os tradutores da obra se preocuparam em evidenciar o falar “sul-regionalista”, o que constitui “Vinhas da Ira” como uma

obra/documento. Desse modo, “a escolha de um documento escrito real, como *corpus* de análise, deu-se em decorrência da necessidade de atender ao perfil socioestilístico de uma amostra que pudesse melhor ilustrar os pressupostos teóricos que norteiam o fenômeno em estudo” (REIS, 2003, p. 94).

Nessa obra, são frequentes formas linguísticas oriundas da modalidade falada da língua, sendo recorrentes o “apagamento do plural redundante de concordância verbal”, como em: “Esta gerigonça que **NÓS TÊM** é velha e bem ordinária. Examinei *ela* antes da *gente* comprar” (REIS, 2003, p. 98, grifos da autora); formas simplificadas de expressões e pronomes retos como complementos verbais: “Pensam que podem manobrar com a gente, mas **TÃO** enganados. Ando até com **AS COISA** de fora, ninguém tem nada com isso” / “Acho que **os POLÍCIA** perseguiram **ELE** até deixar **ELE** assim maluco” (REIS, 2003, p. 98, grifos da autora). O estudo de Reis (2003) sugere que os tradutores da obra, em busca da conservação dos propósitos regionalistas iniciais do autor/escritor, selecionaram formas linguísticas que se aproximassem a uma mesma realidade verossímil à narrativa e ao perfil das personagens e, nesse processo, associaram as variantes pertencentes à variedade de fala registrada na versão original, americana, à variedade de fala de pequenos agricultores gaúchos, o que revela a consciência sociolinguística que marcou esse processo de tradução e adaptação.

1.3 Crenças e atitudes linguísticas no uso de palavrões em “Feijão de Cego”

Correia (2014) e Reis (2003) direcionaram sua atenção para a correlação entre os fenômenos variáveis e as relações sociopessoais entre personagens, o que era possível por serem romances, com maior porção textual, o que permitia a emergência de um quantitativo maior de situações. Não é o que acontece no estudo de Menezes (2022), que toma como *corpus* a obra “Feijão de Cego – Contos Sergipanos”, um compilado de 33 contos escritos entre 2002 e 2006, e publicados em 28 de agosto de 2009. Em suas histórias e *causos*, Vladimir Souza Carvalho, o autor, elabora cenários típicos de quem conhece de perto o ambiente que permeia o interior sergipano, bem como seus aspectos linguísticos e culturais.

Em “Feijão de Cego”, a representação das marcas linguísticas locais enquanto um dos aspectos principais de obras regionalistas se destaca, mesmo em leituras mais despreocupadas de qualquer análise. A linguagem do narrador e das personagens é permeada por marcas de oralidade que revelam a identidade de um povo, entre as quais observam-se expressões, frases-feitas, palavrões e ditados populares, bem como construções sintáticas que se aproximam de uma realidade falada e algumas realizações fonológicas (embora estas últimas não sejam tão recorrentes), como podemos observar nos exemplos a seguir:

(1) “Seu Anísio da Serraria, homem ilustre, primeira usina de descaroçar algodão foi ele que implantou. Homem de palavra **‘tava** ali” (p. 120, “Consulta”, grifo nosso).

Os metaplasmos não se encontram apenas na linguagem de personagens de menor grau de escolaridade, como o trabalhador rural Quiliandro Buas, cuja fala foi destacada acima, mas estão presentes em falas de “homens de anel no dedo”, a exemplo do advogado que Quiliandro estava a consultar:

(2) “ – Não tenha dúvida alguma, seu Quiliandro. Com a morte de dona Ozielita – que Deus a conserve por muito tempo entre nós – quem herda é o senhor. Pode confiar em minha palavra. **‘Tá** no código Civil. É lei de mais de cinquenta anos” (p. 124, “Consulta”, grifo nosso).

As expressões metafóricas referentes a aspectos da paisagem local – como plantas, animais e instrumentos de trabalho – estão presentes nos contos, de modo a caracterizar as personagens. No excerto a seguir, o narrador-personagem Otacílio faz uso de uma metáfora animalesca para referir-se à sua personalidade acostumada à liberdade da vida cotidiana, em espaço aberto, no sítio onde vivia, o que contrastava com os anos em que esteve confinado em uma penitenciária:

(3) “**Boi criado solto** não me acostumava ao espaço pequeno” (p. 115, “Meu filho Teodásio”, grifo nosso).

No entanto, as marcas linguísticas que mais se destacam na obra são os palavrões, entre os quais encontram-se lexias muito comuns entre os sergipanos, como “peste” e “cabrunco”:

(4) “ – Que **peste** você fez ?” (p. 114, “Meu filho Teodásio”, grifo nosso) .

(5) “Mas, me vingar, me vingo bem vingado, daquele **filho do cabrunco**. Nem Satanás me empata” (p. 46, “Ciúme”, grifo nosso).

Os palavrões são frequentes em grande parte dos contos de “Feijão de Cego” e, portanto, são marcas linguísticas utilizadas como ferramentas para a construção de *personas* sociais na obra, uma vez que são lexias que carregam consigo valores e crenças a elas atribuídas. As marcas de oralidade presentes na obra, entre as quais se sobressaem os palavrões, demonstram a forma como o autor confere à sua obra uma linguagem popular e local.

Outro fato a ser destacado é a consciência linguística do autor, que se evidencia por meio da metalinguagem presente na obra e que revela o julgamento social pelo qual passa a linguagem sujeita à estratificação social. Exemplificaremos essa consciência linguística do autor por meio do conto “Perdão”. Nele, o protagonista, ao discorrer sobre sua vida e seu passado, reflete sobre a diferença acentuada entre seu filho Vambério e os demais irmãos:

(6) “Vambério não é meu filho. Ele não tem nada dos irmãos, muito menos de mim. Os irmãos são uns grosseiros, sem educação, falando alto, espalitando os dentes, arrotando um na cara do outro, **se utilizando de termos chulos quando conversam**” (CARVALHO, p. 54, “Perdão”, grifo nosso).

Essa afirmação é respaldada pelo fato de que Vambério teria sido o único a se formar, sendo advogado atuante na região e o único a dedicar cuidados ao pai, que agora encontra-se debilitado em decorrência de um derrame. Os palavrões, vistos de forma negativa, são destacados pelo idoso,

que descreve sua filha Perolina como “[...] **desbocada e maltratada, a dizer palavrões nas ruas, sem respeitar ninguém [...]**” (p. 54).

Estes excertos denotam que o discurso do narrador-personagem revela seu conservadorismo lexical, uma vez que reprova os palavrões que permeiam o repertório de seus filhos, com exceção de Vambério. Há, então, um caso em que a linguagem é sujeita à aprovação ou reprovação social sendo estratificada socialmente e revelando os juízos de valor realizados em detrimento de determinada variedade linguística, o que revela o conhecimento linguístico do autor acerca dos valores sociais e a avaliação negativa atribuída, socialmente, aos palavrões.

A análise do *corpus* se deu com a finalidade primeira de identificar o efeito do monitoramento linguístico referente ao uso de palavrões na construção das *personas* e da identidade dos grupos representados na obra, comparando a frequência das *lexias* na versão manuscrita e na versão publicada e observando como os tipos e frequências de palavrões evidenciam aspectos diastráticos, sociais e diatópicos, referentes à localidade dos contos.

Deste modo, as seções seguintes serão destinadas à observação dos procedimentos metodológicos e resultados da referida análise².

2. Procedimentos metodológicos para o estudo dos palavrões

O conceito de “palavrão” é complexo de ser definido, pois o que caracteriza um termo como um palavrão varia de acordo com os códigos sociais impostos à linguagem (SWINGLER, 2016). Uma vez que não há um consenso em comum acerca de quais palavras específicas seriam consideradas palavrão ou não, consideramos em nossa análise, as *lexias* sujeitas a uma desaprovação social em virtude de seu caráter de palavras-tabu, relacionadas à sexualidade e aspectos fisiológicos, termos religiosos (profanos), doenças, (a exemplo de “diabo”, “peste”, “safado”) e palavras “comuns”, utilizadas para fins ofensivos (“cachorra”, “cadela”, “galinha”), decisão que segue o que Silva (2022) para o estudo de nomeações genitais no dicionário InFormal.

Analizamos a frequência dos palavrões por versão da obra (manuscrita e publicada), investigando os valores e crenças atuantes como possíveis motivadores para o monitoramento linguístico evidenciado por meio da retirada e/ou diminuição da frequência de determinadas *lexias*, da versão manuscrita para a publicada. Para o cálculo da frequência³ dos palavrões, realizamos uma varredura na

² Os resultados descritos a seguir foram obtidos a partir de minha dissertação de mestrado (MENEZES, 2022). Por esse motivo, para apresentá-los, optei por fazê-lo na terceira pessoa do plural.

³ Para isso, utilizamos o pacote *tyditext* da plataforma R (R CORE TEAM 2022), que possibilita desenvolver vários tipos de análises estatísticas em textos, estando entre elas o cálculo de frequência de termos.

versão manuscrita e publicada da obra, e categorizamos as lexias mais frequentemente proferidas e direcionadas às personagens, que foram estratificadas por idade, sexo, escolaridade e ocupação⁴.

Foram considerados os grupos em cujos diálogos há palavrões com frequência significativa para nossa análise ($n > 3$). Em relação à idade, identificamos adultos e idosos; ao sexo: masculino e feminino (não identificamos quaisquer outras orientações sexuais entre as personagens); à escolaridade: semialfabetizado, ensino fundamental, ensino médio, e ensino superior; e à ocupação: farmacêutico, motorista, pedreiro, político e trabalhador rural. Em todas essas variáveis sociais, consideramos a versão manuscrita e a publicada, a fim de observarmos os efeitos do monitoramento linguístico na construção de *personas* e na representação de grupos sociais.

À análise quantitativa referente ao cálculo das frequências, somamos a análise qualitativa referente às variáveis socioculturais, como recomendado por Preti (2004), empreendidas com excertos de diálogos, para corroborar os resultados dos gráficos correspondentes aos cálculos. Preti (2004, p. 149) sugere alguns passos metodológicos para a análise de diálogos literários, estando entre eles o “levantamento das variáveis socioculturais e psicológicas das personagens” e a “análise das variáveis linguísticas dentro das situações de comunicação ocorridas durante a narrativa”. Tratando-se de livros de contos, tais aspectos nem sempre estarão disponíveis com tanta profundidade, uma vez que se trata de um gênero bem mais curto do que o romance, por exemplo, trabalhado por Reis (2003) e Correia (2014).

3. Palavrões na construção das *personas* em “Feijão de Cego”

Os resultados evidenciam que os efeitos do monitoramento linguístico do autor resultaram na retirada e/ou diminuição da frequência de termos na versão publicada. Esses termos se referiam a lexias sexuais mais estigmatizadas, a exemplo de “puta”, “cu”, e “comer”. Essas alterações observadas fornecem indícios para uma possível busca, por parte do autor, por uma polidez linguística, a fim de não chocar um possível público leitor mais conservador e causar seu afastamento. No entanto, se sobressai a diminuição expressiva de “diabo” (de 30 para 1) e “peste” (de 24 para 2). Essas lexias eram as mais frequentes na versão menos monitorada da obra, e por isso, podemos inferir que são termos comuns ao repertório linguístico do autor e que este não manifesta reprovação aos termos.

Temos, como possíveis explicações para sua quase total retirada na versão publicada, o fato de que “diabo” é um termo alvo de forte estigma, sobretudo em uma sociedade de crenças judaico-cristãs. Já “peste” faz parte da classe das doenças, mas constitui uma lexia também relacionada ao campo religioso, bastante presente nos textos bíblicos e sendo relacionada à maldição e ao castigo

⁴ Em adesão aos princípios de Ciência Aberta e transparência nos dados (FREITAG *et al.*, 2021), estes dados encontram-se disponíveis na plataforma OSF através do link <https://osf.io/zewqm>.

divino. Como hipótese, há o fator conservador e religioso que permeia, sobretudo, as sociedades interioranas, entre as quais se inclui a comunidade sergipana, da qual o autor faz parte. No entanto, fazem-se necessárias pesquisas que tomem estas e outras lexias que constituem palavras-tabu em sociedades interioranas tais como a sergipana e investiguem a avaliação social e os valores e as crenças sustentadas pelos falantes, para que possamos confirmar ou refutar tal hipótese.

Partimos, agora, para os palavrões atribuídos à fala de personagens estratificadas pelas variáveis “idade” e “sexo”, uma vez que foi possível percebermos uma correlação entre crenças e valores comuns em sociedade e que se refletem na obra, como o conservadorismo mais presente na fala de idosos e de mulheres, e o machismo evidenciado pelas lexias atribuídas à mulher, conforme veremos nos exemplos destacados. Esses fatores nos mostram como, mesmo em análises de diálogos fictícios, há pistas acerca de fenômenos reais da língua, o que torna imprescindível o desenvolvimento de pesquisas que busquem, no texto literário, fontes de dados para pesquisas sociolinguísticas. A seguir, discutiremos estes resultados:

3.1 Palavrões mais frequentes por idade

Os palavrões são formas linguísticas alvo de estigma social, em especial por alguns grupos sociais como os idosos (MAIOR ([1979] 2010; SOARES, 2011). Ao calcularmos os termos mais frequentes estratificados por idade em “Feijão de Cego”, obtivemos os seguintes resultados⁵:

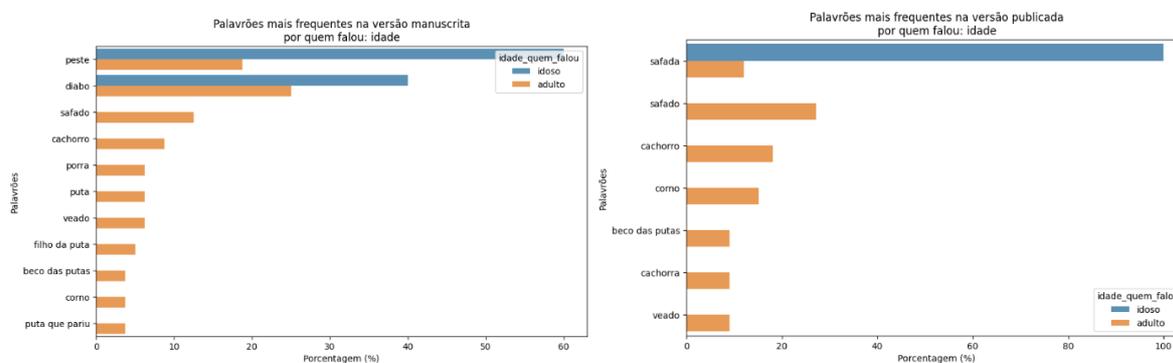


GRÁFICO 1 - Frequência de palavrões por idade em “Feijão de Cego” (versão manuscrita/publicada) – quem falou
 Fonte: Elaboração própria

A idade das personagens em “Feijão de Cego” em cujas falas há uma frequência significativa de palavrões encontra-se polarizada entre adultos e idosos. O gráfico acima traz a porcentagem de palavrões nas falas dessas duas faixas etárias, na versão manuscrita e publicada.

⁵ Os gráficos exibidos como “elaboração própria” são frutos de reelaboração, desta vez em porcentagem, dos gráficos apresentados por mim em valores inteiros em Menezes (2022).

Tanto na versão manuscrita quanto na versão publicada, há uma maior diversidade de palavrões no repertório de falantes adultos do que na fala dos idosos, e esse fenômeno presente no livro de contos reflete uma realidade social, onde falantes idosos são mais conservadores e reprovam lexis estigmatizadas socialmente. O conservadorismo que envolve os palavrões e a classe dos idosos reflete também a distribuição de lexis para “quem ouviu”, conforme o gráfico a seguir:

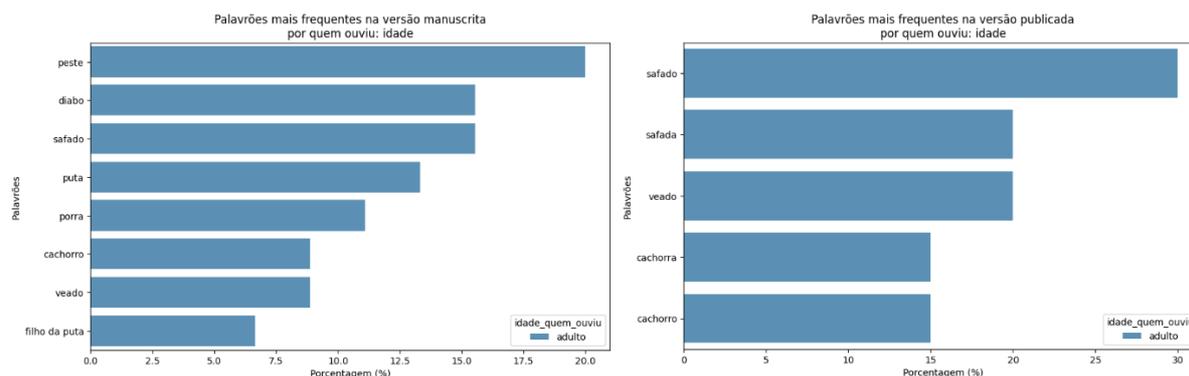


GRÁFICO 2 - Frequência de palavrões por idade em "Feijão de Cego" (versão manuscrita/publicada) – quem ouviu

Fonte: Elaboração própria

O gráfico 2 refere-se à frequência de palavrões direcionados às personagens estratificadas por idade, na versão publicada e na versão manuscrita. Não há uma ocorrência significativa de palavrões direcionados a idosos em ambas as versões. Esse aspecto assemelha-se ao resultado da pesquisa de Swingler (2016), que analisou avaliações linguísticas sobre os palavrões, através de entrevistas e da observação empírica do cotidiano de jovens universitários. Em seus resultados em relação à influência do interlocutor no uso de palavrões, os idosos foram os mais citados pelos entrevistados, que afirmam evitar o uso de tais marcas linguísticas diante de pessoas mais velhas. As diferenças encontradas na regularidade das lexis ouvidas pelos adultos seguem a mesma linha relacionada à presença de “diabo” e “peste” no manuscrito e sua posterior diminuição de frequência na versão publicada.

Tendo observado como a frequência de palavrões tendo como variável a idade das personagens reflete em aspectos sociais relacionados ao conservadorismo que permeia o léxico dos idosos, fato atestado em pesquisas anteriores, bem como os efeitos causados pelo monitoramento linguístico responsável pela alteração das lexis, partimos, agora, para a variável “sexo”.

3.2 Palavrões mais frequentes por sexo

Existe a construção de um padrão de comportamento linguístico esperado para homens e mulheres na nossa sociedade. Freitag (2015) destaca que polidez e o não uso de palavrões são crenças comuns sobre o imaginário de como mulheres devem se comportar linguisticamente. Assim, faz-se relevante

observar a representação de quem fala e para quem fala palavrões em uma obra literária, como é o caso da obra em análise.

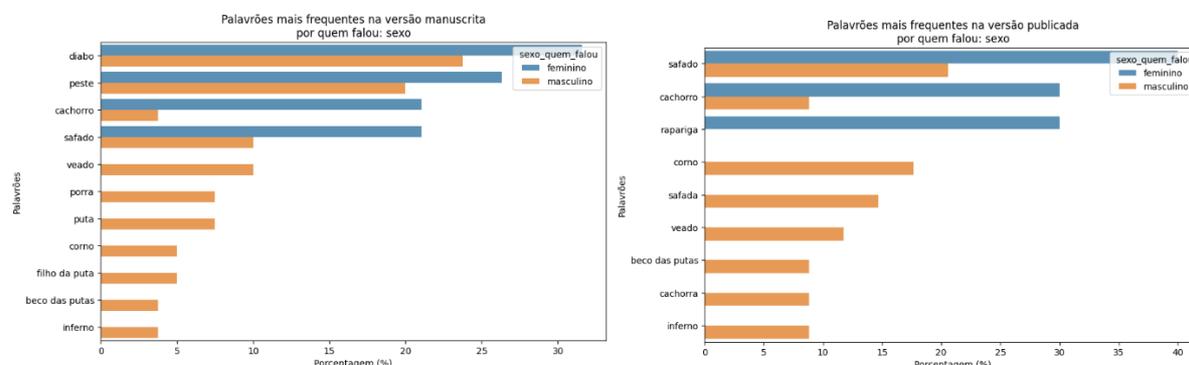


GRÁFICO 3 - Frequência de palavrões por sexo em "Feijão de Cego" (versão manuscrita/publicada) - quem falou
 Fonte: Elaboração própria

Assim como a variável “idade”, que mostra os falantes idosos com repertório linguístico de palavrões reduzido se comparado aos falantes adultos, as mulheres também possuem uma variedade menor de lexias em ambas as versões. Esses resultados condizem com pesquisas anteriores que atestam o sexo feminino como sendo mais conservador do que o masculino em relação às palavras-tabu (MAIOR ([1979] 2010; SOARES, 2011; FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009).

Na versão manuscrita, os palavrões mais frequentes entre as mulheres são direcionados aos homens, com exceção de “diabo”, que algumas vezes ocorre como interjeição, a exemplo da fala da prefeita no conto “Justificações”: “Aceitei, que diabo, aceitei. Vê-lo sair de casa e agora me separar dele, oficialmente, meu Deus, quanta besteira estava a fazer” (CARVALHO, s/d, manuscrito, “Justificações”, grifo nosso). Temos “peste”, “safado” e “cachorro” como lexias de ocorrência significativa, e sendo também direcionadas a homens.

No conto “Aparição”, há uma concentração expressiva de duas dessas lexias presentes no repertório de uma personagem feminina, e por isso, traremos aqui as falas onde ocorrem os termos, em conjunto com informações sobre o enredo. A história trata de um desabafo feito por uma mulher adulta, que carrega consigo o trauma de ter sido estuprada quando criança por seu vizinho, pai de suas duas melhores amigas. Mesmo após muitos anos, a narradora ainda carrega consigo muitos traumas, tendo pesadelos com seu agressor e acordando muito assustada: “A testa está suada, o coração disparado. Fico um tempão parada, a respiração ofegante. O **filho da peste** está de volta” (CARVALHO, s/d, “Aparição”, manuscrito, grifo nosso).

Relembrando os fatos dolorosos que marcaram sua infância, a mulher afirma que brincava de boneca com as amigas enquanto seus pais passavam o dia todo trabalhando como agricultores, e que sofria assédios constantes por parte do homem: “Passava uns dias sem aparecer para brincar, as meninas insistindo para eu ir até o terreiro da casa delas (...) Mas ia, só para passar decepção, porque o **cachorro** voltava a lançar palavras elogiosas sobre meu corpo, meu corpo de menina (...)” (CARVALHO, s/d, “Aparição”, manuscrito, grifo nosso).

Um dia, o homem invadiu sua casa, enquanto a menina estava sozinha, e cometeu o crime: "(...) o **peste** entrou em casa de mansinho, sem eu ver, sabendo que papai e mamãe estavam bem distantes dali (...)". (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso).

Com medo de ser desacreditada e até castigada por seus pais, a protagonista afirma ter mantido o fato em segredo. "Não acredito que o **cachorro** tenha dito a alguém, conversa que teria chegado ao focinho de papai (...)". (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso).

Mesmo após o ato, o pai de suas amigas continuou a assediá-la, a ameaçando de cometer de novo o estupro: "Mas o **cachorro** estava no meu pé, o olhar sempre o mesmo, olhar que só a morte apagou (...)". (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso). Sua infância foi interrompida e, após sofrer tal violência, já não quis ir à escola ou brincar novamente com suas vizinhas: "Em verdade, fiquei com medo de passar outra cena igual, não aguentando, por outro lado, ver o **peste** na minha frente, porque o coração disparava (...)". (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso).

Um dia, enquanto colhia frutas perto de uma cachoeira, a menina o surpreendeu bêbado, trôpego, passando ao lado da ribanceira: "Quando o **cachorro** ia passando aqui, uma tosse ali, vomita, não vomita, eu me aproximei, devagarzinho" (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso). Aproveitando aquela oportunidade em que não havia testemunhas, o empurrou ladeira abaixo, matando-o: "Risquei o **filho da peste** do meu caderno" (CARVALHO, s/d, "Aparição", manuscrito, grifo nosso).

Ao observarmos o resumo do conto "Aparição", conto no qual duas das quatro lexias presentes nas falas de personagens femininas são utilizadas com frequência, é possível notarmos como estas são utilizadas de modo a corroborar o desprezo e o nojo que a protagonista sente ao se referir ao seu agressor. No entanto, mesmo em meio a um relato no qual permeiam sentimentos como ódio e ressentimento, na fala da mulher não se encontram xingamentos mais "pesados" como "filho da puta", presente em falas masculinas.

Entre as lexias proferidas pelas personagens masculinas, há muitas direcionadas ao mesmo sexo, como "veado", "safado", "filho da puta", "corno" e "cachorro". No entanto, nem sempre palavrões são utilizados como xingamentos. Em relação a "veado", termo utilizado pejorativamente em "Feijão de Cego" entre homens, há diferentes usos:

(7) - "O delegado me ouviu, no dia seguinte (...) eu sendo levado à sua presença, história de carro seu é essa, seu **veado** besta, foi logo me ofendendo, eu tentando me controlar, dizendo meu nome, endereço, (...) eu não sou um João ninguém, não sou nenhum doido, tampouco sou **viado**" (CARVALHO, s/d, "Turbulência", manuscrito, grifo nosso).

No excerto, a forma "veado" foi atribuída à fala do delegado, e "viado", forma linguística que traz aspectos fonológicos da língua falada, à resposta por parte do narrador-personagem, um homem em situação de rua com problemas mentais. Além disso, o termo foi atribuído a outras ofensas, como "João ninguém" e "doido". Na versão publicada, nesse mesmo excerto, "veado" foi substituído por "corno", sendo esse o único caso de retirada da lexia, o que resultou na diminuição de sua frequência. Um aspecto presente nos demais casos nos quais há ocorrências de "veado", é que não há o mesmo grau ofensivo como o observado no excerto 7. De acordo com Orsi (2011, p. 339), "muitos dos

palavrões não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que assinala intimidade e familiaridade”. Nessa perspectiva, observemos, em “O parto da vaca rajada”, a utilização de “veado” como parte de um cumprimento amistoso entre velhos conhecidos:

- (8) - Tertulino parou ao ouvir uma voz potente lhe chamando:
– Olhe aí o Tertulino, filho de Militino!
A sua reação foi rápida:
– Qual filho de Militino! Uma merda! Conheço lá Militino.
E a imediata rebatida:
– Tem vergonha do pai, só porque o pai é **veado**.
Tertulino riu. Caminhou em direção ao dono da voz, mão aberta, cumprimento efusivo (CARVALHO, s/d, “O parto da vaca rajada”, manuscrito, grifo nosso).

Nesse mesmo excerto na versão publicada da obra, o autor optou por retirar “merda”, mas manteve “veado”. Uma possível explicação para tal escolha é que nesse diálogo este último termo não é direcionado ao pai de Tertulino com o intuito de ofensa, mas como parte de uma brincadeira conhecida e comum às personagens. Dessa forma, não há uma carga semântica negativa tão forte atuando sobre a *lexia*. Mesmo nos outros casos nos quais “veado” permanece no texto publicado, não há sua utilização com o mesmo grau de ofensa como no excerto 7. Há, por exemplo, o conto “Explicação”, no qual se reúnem grande parte das ocorrências de uso da *lexia*. No conto, os moradores de uma pequena cidade teorizam acerca do motivo pelo qual um noivo desiste do casamento no dia de sua realização e uma das hipóteses seria a sua orientação sexual.

- (9) - “De três uma: ou o noivo é **veado** (e que é que um **veado** vai fazer com um material daquele, hein, Diomedes? que desperdício! Uma água daquela não corre para meu chuveiro!), ou é casado (...)” (CARVALHO, 2009, p. 62, “Explicação”, grifo nosso)

Diferentemente do que observamos no diálogo entre o delegado e o encarcerado no conto “Turbulência”, na fala do político destacada no excerto 9, não há o uso do termo com o intuito de ofender diretamente um indivíduo, mas como uma das hipóteses tecidas para explicar o fato de que o noivo desistira do casamento. Dessa forma, apenas o uso de “veado” com maior grau de ofensa, direcionado a um indivíduo específico como xingamento, foi retirado na versão publicada. Esse fenômeno revela os diferentes usos para uma mesma *lexia*, que pode ser uma ofensa grave ou um cumprimento bem-humorado entre amigos e uma possível avaliação social negativa atuando mais sobre o primeiro que o último caso. Observemos, agora, as *lexias* direcionadas às personagens femininas e masculinas, em ambas as versões:

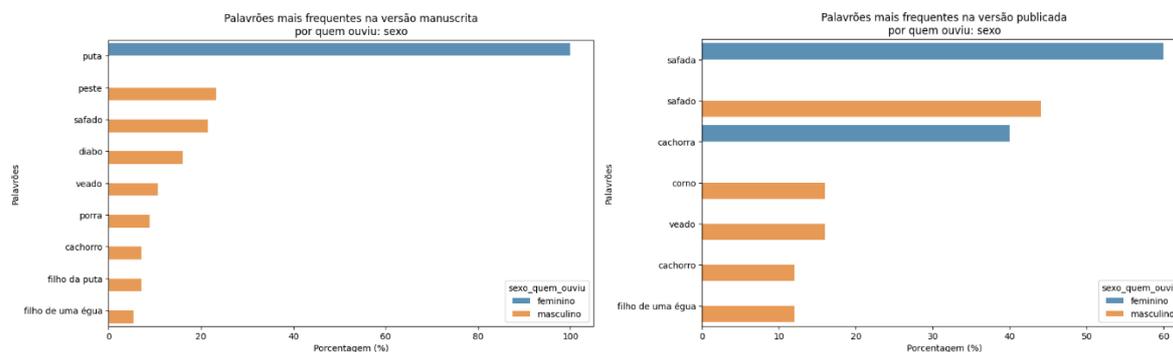


GRÁFICO 4 - Frequência de palavrões por sexo em "Feijão de Cego" (versão manuscrita/publicada) – quem ouviu

Fonte: Elaboração própria

Entre as lexias direcionadas às mulheres, destaca-se apenas “puta”, e na versão publicada, em função da substituição do termo por palavrões menos estigmatizados, há “safada” e “cachorra”, sendo tais xingamentos majoritariamente proferidos por homens. Desse modo, mesmo após as substituições ocorridas na versão publicada, os termos mais frequentemente direcionados às mulheres continuam a limitar-se à esfera sexual, mais especificamente, para designar mulheres que possuem comportamento sexual fora dos padrões socialmente aceitáveis. Entre os palavrões direcionados às personagens masculinas, há um maior repertório de termos ofensivos em ambas as versões, sendo estes proferidos por homens e por mulheres. A predominância de “puta” (e seus substitutivos, na versão publicada) como o palavrão com maior destaque proferido contra as mulheres, revela muitos aspectos sociais contidos nos contos.

Observemos o caso de “Uma cumбуquinha de café”, uma vez que este conto se destaca com maior intensidade em virtude da frequência do uso de “puta” e muitas outras lexias ofensivas direcionadas à mulher. O farmacêutico Rosmão direciona o termo a Edeltrudes, prostituta de reisado. O termo é utilizado em conjunto e/ou substituído na versão publicada por vários outros xingamentos, como “cadela”, “cachorra”, “vagabunda” e “galinha”, o que revela uma mesma função depreciativa:

(10) - “Nem quando isso aqui ainda era um ovo, a feira se espremendo como um boi morto, as **putas** vindo de Itabaiana ganhar o dia, tinha ninguém como Edeltrudes, ah, tinha não” (CARVALHO, s/d, versão manuscrita, “Uma cumбуquinha de café”, grifo nosso).

Na versão publicada, “putas” é substituído por “vagabundas”, indicando que este último termo é também utilizado, nesse contexto, para se referir à profissão:

(11) - “Nem quando isso aqui ainda era um ovo, a feira se espremendo como um boi morto, as **vagabundas** vindo de Itabaiana ganhar o dia, tinha ninguém como Edeltrudes, ah, tinha não” (CARVALHO, 2009, p. 38, “Uma cumбуquinha de café”, grifo nosso).

Durante todo o conto, o narrador-personagem desfere os mais variados termos ofensivos à personagem Edeltrudes. Observemos o próximo excerto:

(12) - "Mas, sem o reisado, Edeltrudes não apareceria nunca. E se aparecesse, seria presa, porque a cara, desculpem outra vez a língua, era de **puta rasteira** (...)"(CARVALHO, s/d, versão manuscrita, "Uma cumbuquinha de café", grifo nosso).

Nesse excerto, aspectos físicos de Edeltrudes são também alvo de comentários. O narrador-personagem Rosmão afirma que sua "cara" era de "puta rasteira", termo que, na versão publicada, é substituído por "cachorra rasteira":

(13) - "Mas, sem o reisado, Edeltrudes não apareceria nunca. E se aparecesse, seria presa, porque a cara, desculpem outra vez a língua, era de **cachorra rasteira** (...)"(CARVALHO, 2009, p. 38, "Uma cumbuquinha de café", p. 37, grifo nosso)

Ao observar as substituições ocorridas, podemos perceber que estas lexias possuem uma mesma função: a de denegrir a mulher em virtude de suas atividades sexuais. À personagem Edeltrudes são atribuídos muitos outros adjetivos, como "vaca", "galinha" e "cadela fedorenta, em pleno cio". Sendo assim, "Uma cumbuquinha de café" se destaca pela quantidade expressiva de palavrões e termos machistas dirigidos a uma mulher. A linguagem empregada pelo farmacêutico Rosmão chega a transmitir certa agressividade, construindo uma *persona* extremamente preconceituosa e machista dessa personagem.

Nesse conto, há bastantes exemplos de como a linguagem e os aspectos sociais possuem uma relação indivisível. Ao mesmo tempo que a narração menciona uma festa religiosa (o reisado), há a prostituição, maridos infiéis e a propagação de DST. Em uma mesma perspectiva, o sagrado e o profano são observáveis nas falas de Rosmão, nas quais uma linguagem repleta de palavrões, xingamentos e termos ofensivos coexistem com uma linguagem que denota religiosidade:

(14) - "O cabelo oxigenado, parecia, **Deus não escute a minha observação, uma cadela fedorenta, em pleno cio** (...). Mas a turma gostava. Novidade. Ela fazia assim, assado. Era o que ouvia, porque ir, nunca fui. **Deus tá lá em cima e viu tudo**. Não vai testemunhar, naturalmente, mas viu tudo, e, tenho certeza, nunca me viu em fila alguma" (CARVALHO, 2009, p. 37, "Uma cumbuquinha de café).

Ao observarmos os excertos em destaque em conjunto com aspectos sociais das personagens, nota-se como os palavrões estão atrelados a valores sociais, em especial, ao machismo presente na utilização das lexias direcionadas à mulher.

Nessa seção, observamos os palavrões mais frequentes direcionados e pronunciados pelas personagens em "Feijão de Cego", estratificadas por idade e sexo, uma vez que foi possível percebermos uma correlação entre fatores sociais comuns na sociedade e que se refletem na obra, como o conservadorismo mais presente na fala de idosos e mulheres, e o machismo evidenciado pelas lexias atribuídas à mulher. Desse modo, reverbera nos usos linguísticos os efeitos do monitoramento linguístico do autor e de sua consciência sociolinguística, evidenciados pela retirada e/ou diminuição da frequência de alguns palavrões específicos. É importante ressaltar que este último aspecto é passível de observação apenas a partir da comparação entre a versão publicada e um manuscrito da obra, que nem sempre é uma fonte de dados acessível ao pesquisador. No entanto, a utilização de

marcas linguísticas para a representação de *personas* e/ou grupos sociais constitui uma metodologia mais facilmente replicável em outras obras.

Considerações finais

Neste texto, buscamos discutir acerca de aspectos teóricos e metodologias de análise de variação linguística no texto literário, de modo a destacarmos como autores/escritores revelam traços da consciência sociolinguística da comunidade retratada por meio da seleção na representação de *personas* e grupos sociais nas obras literárias. Para isso, analisamos e descrevemos o processo de análise empreendido por Reis (2003) e Correia (2014) e detalhamos o procedimento metodológico e os resultados de Menezes (2022).

Embora sejam textos literários de naturezas distintas (uma obra autobiográfica, a tradução para o português de uma obra norte-americana e um compilado de contos), um ponto em comum é que estas obras são caracterizadas por “traços regionalistas”, sendo a linguagem mais uma ferramenta utilizada por seus autores para caracterizar *personas* e representar grupos sociais específicos (pois mesmo em “Vinhas da Ira”, sendo uma adaptação para o português, os tradutores atuaram na adaptação de variedades linguísticas de trabalhadores rurais estadunidenses, adotando traços de uma fala rural gaúcha).

Em Correia (2014), que analisou a obra autobiográfica de Gilberto Amado “História da minha Infância”, há a utilização de traços variáveis da língua, nos níveis morfossintático e fonético, para evidenciar relações hierárquicas entre as personagens, e caracterizar *personas* e grupos sociais, a exemplo das marcas de oralidade estigmatizadas atribuídas às falas de personagens de nível social inferior ao narrador. Em Reis (2003), a variação nos atos de comando na tradução sul-regionalista de “Vinhas da Ira”, referentes ao indicativo/subjuntivo, mostrou-se condicionada pelas relações sociopessoais de maior/menor autoridade entre as personagens. Menezes (2022) desvela a consciência sociolinguística de Vladimir Carvalho por meio de comentários metalinguísticos do autor/escritor e a forma como este transmite atitudes e crenças que reverberam em sociedade, para seu diálogo literário, por meio do perfil dos palavrões associados ao repertório linguístico das personagens adultas/idosas e femininas/masculinas, nos quais observa-se o conservadorismo mais presente na fala de idosos e mulheres; e o machismo evidenciado pelas lexias atribuídas à mulher.

O desenvolvimento de pesquisas que busquem, no texto literário, fontes de dados para pesquisas sociolinguísticas, contemplando fenômenos variáveis da língua correlacionados a fatores situacionais trazidos pela narrativa e que normalmente se constituem de difícil registro e disponibilização em bancos de dados sociolinguísticos, amplia o repertório de ferramentas metodológicas da área, ao mesmo tempo que contribui para novas discursividades no campo da linguística popular, como sugerem Silva (2021) e Gonçalves (2021).

É importante reiterarmos que o diálogo literário não constitui um registro fiel de situações de fala, mas sim representações, frutos da criação de um autor/escritor e de posterior revisão editorial (no caso de “Feijão de Cego”, de acordo com o autor, não ocorreu essa interferência em relação à escolha de

palavrões). No entanto, como observamos, isso não o desclassifica como fonte de dados para pesquisas, uma vez que a variação linguística tal qual representada pelos autores reverbera aspectos que em muito refletem crenças e atitudes referentes à modalidade falada língua, base da abordagem da linguística popular. Esperamos, com este estudo, incentivar pesquisadores a trilhar estes caminhos metodológicos de estudos de variação linguística ainda tão pouco explorados. Destacamos, ainda, a importância da discussão acadêmica de temas relacionados a palavras-tabu e as suas manifestações, na mesma direção que propõem Silva (2022) e Pinheiro, Menezes e Freitag (2020).

Além disso, a sistematização apresentada pode fornecer subsídios teórico-metodológicos para trabalhar a variação linguística na sala de aula, como apregoa a Base Nacional Curricular Comum no campo dos estudos da linguagem. Com isso, podemos expandir o uso de obras literárias na educação básica para além do conhecimento literário, de modo a subsidiar atividades de identificação de fenômenos de variação linguística, em diferentes níveis (lexical, fonológico, morfossintático, discursivo), usadas na construção e representação de grupos sociais, como apregoam Gorski e Freitag (2013). Assim, reiteramos a importância de estudos que tomam o texto literário a partir da perspectiva sociolinguística e da linguística popular, a fim de contribuições mais efetivas no trabalho pedagógico com a língua materna.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v22i1.2135.R>

Editores

Marcelo Rocha Barros Goncalves

Afiliação: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>

Dennis Preston

Afiliação: Universidade de Kentucky

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9949-0211>

Roberto Leiser Baronas

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Jorcemara Matos Cardoso

Afiliação: Universidade Federal de São Carlos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-2105>

Avaliador 2: Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque

Afiliação: Universidade Federal de Mato Grosso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9653-5971>

AVALIADOR 1

O artigo possui uma proposta de discussão pertinente e com muita riqueza de dados. Faz um diálogo produtivo entre os estudos da sociolinguística, especificamente da terceira onda, com os estudos da Linguística Popular, mobilizando autores e autoras especialista nos estudos em questão. O texto está muito bem escrito, adequado ao gênero artigo científico. O objetivo está bem definido e a base teórico-metodológica bem construída. Abaixo, faço algumas considerações mais gerais de alguns pontos que acredito serem importante para a finalização do texto. Saliento que considerações mais específicas estão escritas em comentários que deixei no corpo do documento reenviado.

A apresentação dos estudos escolhidos foi muito boa, no entanto, além da apresentação em si, parece faltar uma voz de autoria na pesquisa realizada. O que a pessoa autora entende desses estudos, como os percebe, como os analisa entre si, em que medida esses estudos apresentados dialogam com o que toma como base teórica-metodológica e em que medida não dialogam. Quais os ganhos dos estudos apresentados e quais as vias abertas que deixam? Somente na apresentação do terceiro estudo, acerca dos palavrões, há essa voz de autoria mais evidente.

É importante ter cuidado com as generalizações e destacar as nuances, as gradações nas produções dos sentidos das palavras. É preciso marcar isso desde o começo e ir costurando isso nas análises. Coloquei várias sugestões no corpo do texto. Elenco aqui um exemplo da importância de demarcar essas gradações no decorrer das análises. No Gráfico 1, por exemplo, uma das palavras que aparecem é “veado”. A depender dos grupos no qual essa lexia transita, seus sentidos não significam da mesma forma. O mesmo ocorre com o termo “puta”. Marcar isso nesse momento do texto é importante, pois a autora só irá mostrar o peso dessas nuances na seção seguinte, quando retomar essas mesmas lexias para explicar os gráficos acerca da variável sexo. Nesse sentido, é importante que se demarque o contexto de uso dessas palavras trazendo alguns exemplos durante o desenvolvimento da discussão dos dados ou fazendo alusão de que falará sobre esses diferentes usos mais à frente, para que não fiquem dúvidas de que tal lexia está sendo tomada como “palavrão” a partir de como é mobilizada no texto literário em questão e não que é um “palavrão” a priori.

Quanto à conclusão copio aqui dois comentários que deixei no corpo do texto:

“Acredito que como estamos na conclusão, seria importante apontar outras variáveis que podem, de alguma forma, impactar nessa escolha da produção das personas feita pelo autor/escritor, como, por exemplo, as relações editoriais. Isso não invalida a consciência sociolinguística desse autor/escritor, ao contrário, confirma o que você traz no seu trabalho, de que há uma relação complexa na produção dessa consciência que tem a ver com os discursos e as relações sociais que circulam na nossa sociedade.”

O segundo comentário tem a ver com uma percepção geral que me causou uma dúvida. Caso seja pertinente, considerar, caso tenha sido um desvio de interpretação de minha parte, desconsiderar o comentário.

Esta parte do seu texto me deixou em dúvida. Na verdade, desde a seção que começa a falar dos parágrafos. Você está apenas resenhando o que você fez na dissertação ou o que foi desenvolvido para este artigo foi uma pesquisa nova baseada somente na metodologia da sua dissertação?

Pergunto isso, pois no resumo do seu artigo você traz o seguinte: “para isso, apresentamos os direcionamentos teórico-metodológicos e os resultados de três pesquisas sociolinguísticas”. Na minha leitura, havia entendido que uma forma de contemplar teorias e métodos para o estudo da variação linguística no diálogo literário, era apresentar os direcionamentos teórico-metodológicos e os resultados das pesquisas citadas. Mas, no desenvolvimento da discussão, os gráficos trazidos foram legendados como “elaboração própria”, dando a entender que havia sido elaborada pela autora do artigo. O que aumentou ainda mais essa confusão foi entender que a autora do artigo e da pesquisa apresentada eram a mesma pessoa. Nesse caso, não ficou claro para mim se os gráficos e as análises da seção intitulada “**Palavrões na construção das personas em “Feijão de Cego”** foram elaborados e retirados de Menezes (2022) ou se foi produzida uma nova pesquisa (apresentada no artigo em questão) baseada apenas no procedimento de Menezes (2022). Qualquer que seja a opção, precisa estar melhor dissertada para que se evite esses deslizamentos de interpretação.

Diante do exposto, recomendo que o artigo seja aceito para publicação após os ajustes necessários.

AVALIADOR 2

O artigo “EXPLORANDO PISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS EM OBRAS LITERÁRIAS” apresenta discussão relevante e fundamentada teórica e metodologicamente. No entanto, há algumas adequações necessárias para o parecer final. A seguir, apresentamos nossa avaliação geral sobre os aspectos relevantes e sobre os aspectos que precisam ser revisados.

TÍTULO

1) Sugerimos incluir um subtítulo, para explicar com mais objetividade como sob qual perspectiva é realizada a “exploração de pistas sociolinguísticas” nas obras literárias: “EXPLORANDO PISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS EM OBRAS LITERÁRIAS: xxxxx xxx xxx”.

RESUMO

1) Sugerimos apresentar o objetivo de modo mais pontual no “Resumo” e padronizado com as informações apresentadas na seção “Introdução”, pois está muito genérico, quase não é possível compreender do que se trata o artigo.

2) Além disso, poderia exemplificar algum resultado significativo das amostras.

INTRODUÇÃO

1) O objetivo poderia estar marcado explicitamente na “Introdução”: “O objetivo deste trabalho é apresentar a análise sobre xxxx”. Conseguimos apreender o objetivo, mas não há marcas linguísticas que o explicitem.

2) É preciso adequar o objetivo do “Resumo” com o objetivo apresentado na “Introdução”.

3) De modo geral, as proposições apresentadas na “Introdução” conduzem à finalidade do estudo.

MÉTODOS

1) Os métodos usados para avaliação do *corpus* foram realizados a partir do “cálculo das frequências”, somando-se à “análise qualitativa referente às variáveis socioculturais” (aspectos sociais e históricos, correlacionados às falas com os aspectos sociais das personagens).

2) Realizou-se análise: (i) dos grupos sociais nas obras com base nas seguintes variáveis: idade, sexo, escolaridade e ocupação; e (ii) da frequência dos palavrões por versão da obra (manuscrita e publicada), por meio da ferramenta *Tidytext* da plataforma R (R CORE TEAM 2022).

3) Logo, trata-se de uma análise que busca rigor metodológico, que pode ser reproduzido a partir da descrição metodológica apresentada.

4) A seleção da amostragem é adequada e o modelo experimental é apropriado.

5) A sequência das informações da Metodologia está adequada.

RESULTADO

1) Sugerimos apresentar os dados quantitativos percentualmente, para o gráfico e o texto serem mais didáticos.

2) O título e as legendas dos gráficos descrevem os conteúdos dos gráficos, mas precisam ser apresentados conforme a ABNT.

3) Mesmo sem os dados em porcentagem, é possível comparar e interpretar os dados nos gráficos.

4) As informações no texto condizem com os gráficos.

5) Algumas sugestões quanto à coesão e coerência estão apontadas na subseção “Generalidades”, neste parecer, ou marcadas no texto.

6) O texto complementa as informações dos gráficos porque há a explicação ou as hipóteses sobre as ocorrências encontradas.

7) Os resultados coadunam com os objetivos propostos na seção “Introdução” (lembrando que é importante apresentar os objetivos explicitamente); logo, o estudo condiz com o plano do pesquisador.

8) Apresenta-se a relevância dos resultados para o conhecimento da área, especialmente, por haver poucos trabalhos de mesma natureza.

9) As referências são adequadas.

GENERALIDADES

1) Ao início, há uma excelente indagação: como os não linguistas associam traços da língua a determinados grupos e situações comunicativas? Parte-se de uma questão linguístico-filosófica na produção de obras literárias, que pode se estender a outras produções ou atividades comunicativas que expressem essa relação.

- 2) A interpretação dos dados é coerente com as discussões teóricas na Sociolinguística; nos estudos sobre os usos do Português Brasileiro (PB), no que se refere a regionalismo; e na base dos estudos da Linguística Folk.
- 3) Nas discussões dos dados, busca-se interpretar os dados por meio das pistas e dos pressupostos sociais que geram ou sustentam as representações de grupo sociais.
- 4) Apresentam-se algumas “deficiências” ou incapacidades em algumas análises, mas de maneira propositiva, incentivando-se à realização de mais estudos dessa natureza.
- 5) A interpretação apresentada no artigo coaduna com os autores citados no decorrer do texto.
- 6) Foram considerados artigos e trabalhos clássicos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; PRETI, 1987 entre outros) e mais recentes (PRESTON, 2021; CHIAPPINI, 2022; FREITAG, 2022 entre outros), portanto, muitos estudos básicos foram considerados.
- 7) Ao fazer projeções da pesquisa, a autora sugere um aprofundamento no estudo sociolinguístico em obras literárias para ampliar as análises dessa natureza.
- 8) A maioria dos tópicos e das normas do periódico foram cumpridos. Seguem algumas orientações/sugestões relativas a aspectos de forma e de conteúdo do texto:
 - a) Conforme ABNT (NBR 6023), do ano de 2018:
 - sempre que um autor é citado deve vir, em seguida, o ano de publicação da obra. No primeiro parágrafo da seção “Introdução”, o autor Dino Preti é apresentado sem ano da obra. Ao final do parágrafo, há a menção do autor, ano e página, o que não prejudica a compreensão, mas sugerimos inserir apenas o ano na primeira menção ao autor.
 - “*et al.*” e demais palavras estrangeiras (“*corpus*”, “*corpora*”, “*link*” etc.) devem ser escritas em itálico.
 - o ponto final, em citações diretas, é colocado após o parêntese.
 - deve-se inserir espaço entre “p.” e o número a que se refere a página.
 - os títulos dos gráficos devem ser colocados acima do gráfico; a fonte, abaixo.
 - há a necessidade de corrigir algumas referências.
 - b) Evitar usar o verbo “ter” no sentido de “haver” ou “existir”.
 - c) Evitar o uso de “o mesmo”, “a mesma” como mecanismo de referenciação.
 - d) Usar “onde” apenas para se referir a espaço físico.
 - e) Há a referência a um “quadro 4”, que não aparece no artigo. Provavelmente, se refere ao “Gráfico 4”. Sugerimos corrigir.
 - f) Há a referência ao “excerto 45”, mas, parece que se trata do “excerto 8”. Sugerimos corrigir.
 - g) Inserir espaço antes e depois do excerto 14.

Conflito de Interesse

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Vladimir Souza. **Feijão de Cego** – Contos Sergipanos. Curitiba: Juruá, 2009.
- CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo na literatura. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 115, 1995, p. 153-159. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989>. Acesso: 08 jun. 2022.
- CORREIA, Fernanda Bispo. **A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância**, de Gilberto Amado. 127f Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5770>. Acesso: 08 jun. de 2022.
- ECKERT, Penelope. MCCONNEL-GINET, Sally. Communities of practice: Where language, gender and power all live. In Kira Hall, Mary Bucholtz and Birch Moonwomon eds., Locating Power, **Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference**. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1992, p. 89-99.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto, vol. 41, 2012, p. 87-100. DOI: 10.1146/annurev-anthro-092611-145828
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 12, n. 4, 453-76, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>. Acesso: 08 jun. 2022.
- FREITAG *et al.* Como o brasileiro acha que fala?. **Signo y Señá**, n 28, p. 65-87, 2015. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do Português brasileiro e os estudos de terceira onda: Potencialidades e limitações. ALFA: **Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. DOI: 10.1590/S1981-57942012000300009
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTOS, Juliana Carla dos; SANTOS dos, Solange. Fio do Canço: marca linguística identitária do itabaianense. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 5, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277826222_FIO_DO_CANCO_MARCA_LINGUISTICA_IDENTITARIA_DO_ITABAIA-NENSE. Acesso: 08 jun. 2022.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. SEVERO, Cristine Gorski. **Mulheres, linguagem e poder – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. ALFA: **Revista de Linguística**, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e13027. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13027>. Acesso em: 19 set. 2022.
- FREITAG, Raquel; SOTO, Marije. Processamento da variação linguística: desafios para integrar aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 31, n. 2, p. 397-431, 2023. DOI: 10.17851/2237-2083.0.0.%25p. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/40123>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.
- GONÇALVES, Marcelo. Folk Nurc? Uma proposta de análise em linguística popular. **Porto Das Letras**, v. 7, n. 4, p. 160-170, 2021.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística histórica para o ensino de língua portuguesa**. Natal: EdUFRN, 2013, p. 11-52.

MAIOR, Mario Souto. **Dicionário do palavrão e termos afins** / Mário Souto Maior. – Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

MENEZES, Keila Vasconcelos. **Monitoramento e identidade linguística**: um estudo de palavrões em duas versões de uma obra literária itabaianense. 146 f Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2022.

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques; MENEZES, Luara Carvalho Fontes; FREITAG, Raquel Meister Ko. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. In: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; DE FRANÇA, Dalila Xavier; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Processos psicossociais de exclusão social**. São Paulo: Blucher OpenAccess, 2020, p. 247-262. Disponível em <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/000-22182>. Acesso: 08 jun. de 2022.

PRESTON, Dennis R. Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo? (Methods in (applied) folk linguistics: getting into the minds of the folk). **Estudos da Língua (gem)**, v. 19, n. 2, p. 9-42, 2021.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro. Lucerna. 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

REIS, Marileia Silva dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: A dimensão estilística da variação sob um olhar Funcionalista. Tese (Doutorado Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2003.

SILVA, Mariana Morales. Novas discursividades para a linguística popular. **Porto Das Letras**, v. 7, n. 4, p. 59-82, 2021.

SILVA, Vitória Laís Santos. **Representações sociais e questões de gênero**: uma análise das nomeações genitais no dicionário informal. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16087>. Acesso: 08 jun. de 2022.

SOARES, Thieres de Andrade. **“Fi do Canço” marca identitária do Itabaianense**: Uma abordagem sociolinguística. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana, 2011.

SWINGLER, David Diniz. **Tabu linguístico**: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano. Dissertação de mestrado – UFPB, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.